

Tales Faria

Michelle atropela Flávio e marca ponto com “o Galego”

Como se sabe, nesta quarta-feira, 14, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro divulgou um post nas redes sociais em resposta a ataques de Allan do Santos – a quem chama de Allan “dos demônios” – em que dizia que o blogueiro bolsonarista “não sabe o que eu e meu marido conversamos, não vive a nossa intimidade”. Ela protestou:

“Nem o meu galego dos olhos azuis tenta intervir na minha liberdade ou nas minhas opiniões, e esse cidadão tenta me intimidar com seus vômitos de ódio?! Querendo julgar o que eu devo ou não postar?! Se enxerga!”

Michelle respondeu a uma manifestação recente de Allan na revista Timeline em que ele afirmou: “A mulher de Tarcísio [de Freitas] deixou escapar, ‘sem querer’, que o plano dela e do marido é a faixa presidencial. Sabe quem curtiu o comentário? A mesma pessoa que publicou o vídeo nos stories do Instagram (Michelle)” [parênteses dele].

Na verdade, o post de Michelle tinha como endereço o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), conhecido como o filho Zero Um do ex-presidente, e os irmãos. Eles vinham afirmando nos bastidores que a madrastra não apoiava a candidatura presidencial de Flávio porque ela própria estava em campanha, talvez para ser vice de Tarcísio.

A mulher de Jair Bolsonaro pode ter visto na afirmação de Allan as digitais dos irmãos Bolsonaro. Em seu texto, classifica o blogueiro como “boneco de ventríloquo”

Na sua resposta, a ex-primeira-dama afirma que “Allan dos demônios” está a serviço de canalhas: “Tudo o que ele fala sobre nós, não passa de bravata, achismos e maledicências (na maioria das vezes, servindo como boneco de ventríloquo de canalhas).”

Nesta-terça-feira, 15, Flávio Bolsonaro resolveu entrar publicamente na história. Ele visitou o pai na sede da Polícia Federal e, ao ser perguntado por um jornalista sobre Michelle tentar concorrer ao Planalto, respondeu que nunca trabalhou para ser pré-candidato: “Eu nunca costurei, nunca procurei, não rodei o Brasil por isso. Não corri atrás de ser pré-candidato.”

Michelle de fato tem o apoio de parte do PL para entrar na chapa presidencial, como vice ou como candidata principal. E desde que assumiu a presidência do PL Mulher, tem rodado o país em campanha.

Nas pesquisas, antes de o marido anunciar a opção pelo filho como candidato, ela estava em primeiro lugar na família. Agora, continua disputando posição.

Nesta quinta-feira, Michelle viu-se beneficiada pela decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), que retirou seu marido da cela da Polícia Federal, de cujas condições a família tanto reclamava.

Bolsonaro foi transferido para melhores dependências na chamada “Papudinha”. Trata-se do 19º Batalhão da PM do Distrito Federal, assim apelidado por ficar ao lado do Complexo Penitenciário da Papuda, em Brasília.

Moraes e seu colega de STF, o decano Gilmar Mendes, vão dizer que é pura coincidência. Mas a decisão foi tomada depois que Michelle conseguiu ser recebida por Gilmar, a quem apelou que intercedesse por melhores condições ao marido.

Seu apelo parece ter tido mais resultado do que todos os protestos dos filhss de Bolsonaro e todos os recursos dos advogados. A ex-primeira-dama marcou um tremendo ponto com seu “Galego de olhos azuis” na briga por uma vaga na chapa presidencial. Não quer dizer que vencerá. Mas quem sabe?

Barros Miranda*

Os ruídos modernos no Irã

Os protestos no Irã representam muito mais do que episódios isolados de revolta popular; eles são a expressão visível de uma fratura profunda entre o regime político e parcelas significativas da sociedade. Desde a Revolução Islâmica de 1979, o país é governado por um sistema teocrático que concentra poder nas mãos do clero xiita e limita severamente liberdades civis e políticas. Durante décadas, esse modelo conseguiu se sustentar por meio de uma combinação de legitimidade religiosa, nacionalismo e repressão. No entanto, os protestos recentes indicam que esses pilares estão cada vez mais enfraquecidos.

As manifestações ganharam força sobretudo a partir de demandas sociais e culturais, com destaque para a luta das mulheres contra a imposição de normas rígidas de comportamento e vestimenta. A morte de jovens em circunstâncias ligadas à repressão estatal funcionou como catalisador de uma indignação que já vinha sendo construída há anos. O que diferencia esses protestos de outros momentos históricos é seu caráter abertamente contestador do sistema como um todo, e não apenas de políticas específicas. O grito que ecoa nas ruas vai além de reformas: questiona a própria legitimidade do regime.

A juventude iraniana desempenha papel central nesse processo. Conectada às redes sociais, exposta a outras realidades culturais e menos vinculada à memória da Revolução de 1979, essa geração demonstra pouca disposição para aceitar sacrifícios em nome de uma ideologia que não escolheu. Para muitos jovens, o regime não representa proteção nem identidade, mas sim controle, censura e falta de perspectivas econômicas. A inflação elevada, o desemprego e o isolamento internacional aprofundam a sensação de

estagnação e reforçam o desejo de mudança.

Apesar da força simbólica e social dos protestos, a possibilidade de uma mudança imediata no regime político enfrenta limites concretos. O Estado iraniano dispõe de um aparato repressivo eficiente, com forças de segurança e instituições, como a Guarda Revolucionária, profundamente comprometidas com a manutenção do status quo. Além disso, a oposição carece de uma liderança unificada e de um projeto político claro que consiga transformar a insatisfação popular em alternativa de poder. A ausência dessa articulação facilita a repressão e dificulta a transição para um novo modelo político.

O contexto internacional também exerce influência ambígua. Sanções econômicas e pressões diplomáticas enfraquecem o país, mas ao mesmo tempo fornecem ao regime um discurso conveniente, que associa protestos a interferências estrangeiras. Esse argumento, embora cada vez menos convincente para a população urbana, ainda encontra eco em setores mais conservadores e contribui para manter certa coesão interna.

Nesse sentido, os protestos no Irã sinalizam um processo em curso, ainda que incerto e doloroso. A mudança política pode não ser imediata, mas a relação entre sociedade e Estado já foi profundamente alterada. O medo, que durante décadas sustentou o regime, começa a perder eficácia diante de uma população cada vez mais consciente de seus direitos e disposta a reivindicá-los. O futuro do Irã permanece aberto, mas uma coisa parece clara: o regime atual enfrenta um desafio existencial que não pode mais ser ignorado.

*Historiador e Jornalista

Vinicius Lummertz*

Esquerda chic: o desgaste do figurino

A chic, ou “esquerda caviar”, não é exatamente uma ideologia. É um tipo social e estético. O termo surgiu na França, nos anos 1980, como gauche caviar, para ironizar intelectuais socialistas que defendiam igualdade enquanto levavam vidas de alta distinção cultural. A economia europeia voava na reconstrução. Seu cenário clássico eram os cafés da Rive Gauche, Flore, Deux Magots, Brasserie Lipp, onde se falava em revolução com charme e literatura, de Sartre e Beauvoir. Esses bastiões do existencialismo continuam lá. Agora turísticos. Faço aqui um disclaimer pela lógica deste artigo: minha primeira filiação partidária foi no PDT, pelas mãos de Darcy Ribeiro, a quem homenageio até hoje por sonhar com paixão um Brasil que se transformaria numa “Roma Morena”. Ainda há tempo. O que não há mais são ideias.

Voltemos ao assunto. O conceito se espalhou: champagne socialist no Reino Unido, limousine liberal nos EUA, radical chic na Itália, “socialista de salão” na Alemanha. No Brasil, ganhou versão própria: a esquerda festiva, expressão exagerada, cunhada para descrever uma militância mais preocupada com eventos, linguagem e circulação simbólica do que com formulação de políticas públicas. Política mais como performance.

Depois das invasões soviéticas da Hungria e da Polônia, nos anos 1950, e da Tchecoslováquia, em 1968, a esquerda europeia perdeu Moscou como farol moral. Precisava de outro rosto. Os cafés parisienses passaram a receber Chou En-lai, diplomata elegante da China comunista, que virou ícone palatável de um regime “alternativo”. Pouco depois veio a Revolução Cultural, com perseguições e massacres, e novamente o silêncio. Décadas mais tarde, a China adotaria o capitalismo de Estado e tiraria centenas de milhões da pobreza, deixando a esquerda caviar sem face em todo o mundo. Incapaz de lidar com a evidência empírica, ela se refugiou no identitarismo, que está acabando por engoli-la.

Há nisso um fundo platônico. Prefere-se a ideia pura da revolução ao mundo imperfeito das consequências. É o esquerdismo platônico: idealiza-se o Bem e relativiza-se o Mal quando ele surge “do lado certo da história”. Daí a seletividade moral.

Nos Estados Unidos, Hollywood deu forma global a esse

estilo, mas a esquerda liberal foi engolida pela esquerda woke, num canibalismo político. Bill Maher descreve isso com humor ácido: o liberalismo clássico foi substituído por tribunais morais permanentes. O símbolo dessa “farsa” apareceu no Globo de Ouro, quando Rick Gervais mandou atores “pegarem seus prêmios e irem embora”, lembrando que eles não entendiam nada de política e que muitos haviam passado menos tempo na escola do que Greta Thunberg.

No Brasil, esses traços também ocorrem. No ano passado, Fernanda Torres, genial e inteligente atriz, foi justamente celebrada no exterior. Este ano, Wagner Moura, também brilhante, talvez o maior da história do Brasil, e a equipe de um filme premiado com dois Globos de Ouro converteram a premiação em palanque antes mesmo de o público assistir à obra. Um articulista da Folha pediu que se analisassem os filmes sem o filtro ideológico. Faz sentido: roubou-se da audiência o direito à experiência estética.

Esse padrão ajuda a entender também o silêncio de parte do mundo artístico diante da repressão e dos assassinatos covardes por um Irã medieval. A escritora J.K. Rowling chamou a atenção para a incoerência de quem se diz defensor de direitos humanos, mas evita condenar a teocracia dos aiatolás. Protesta-se com facilidade contra abstrações do “sistema”, mas não quando o opressor não rende o aplauso dirigido e condicionado.

Ao não compreender o seu próprio tempo e permanecer presa à mitologia dos cafés parisienses de uma velha Paris, a esquerda chique comporta-se como se ainda estivessemos em 1968. Esse deslocamento a condena a ser engolida pela esquerda woke, identitarista e punitiva, fenômeno já visível nos EUA e que começa a se reproduzir no Brasil. A sofisticação e a abrangência do chic perdem para a obtusidade do woke. Ao abdicar de projeto atualizado e moderno, ao substituir política e diálogo com seu tempo por moralismo e passadismo, essa esquerda caminha para a própria brutalização, woke tornando-se, ironicamente, tudo aquilo que acusa a extrema direita de ser.

***Vinicius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.**